

## AÇÕES AFIRMATIVAS : POLÍTICAS DE INCLUSÃO.

Jeremias Brasileiro<sup>1</sup>

**RESUMO:** *O presente artigo aborda as barreiras excludentes no início da alforria, sobre as garantias de privilégios da propriedade privada que um direito natural, sagrado, inalienável e inviolável. Os homens são iguais perante às leis e as profissões estão igualmente abertas aos talentos. Isso faz suscitar o debate a respeito de cotas para negros nas universidades, uma polêmica nacional. Vários educadores e a sociedade preocupados com a possível presença em maior número de afro-brasileiros nos espaços historicamente preenchidos pela elite branca/burguesa, defendem os métodos universalistas e doutrina do **mérito e competência**.*

Durante séculos o termo **negro** se associou ao conceito estereotipado de má índole; malvado; ruim; negativo. O preto bom que em fuga do engenho se tornou negro fujão; negro ingrato; traidor e negro mau. Daí as pessoas se identificarem com diversos eufemismos para evitar fatal palavra e não se assumir enquanto negras: Moreno; mulato; mestiço; branco escuro; marrom bombom; pardo; moreno claro. Talvez por esse motivo seja difícil para o povo brasileiro enfrentar a intolerância ainda enraizada no subconsciente de expressiva maioria da população. Assim, tentam desqualificar as políticas afirmativas com os reclamos de afrodescendência heterogênea no país, pois todos parecem de alguma forma possuir um pé na África. Todavia, além dos autodeclarados negros por reconhecimento étnico, é preciso aplicar leis antidiscriminatórias em favor daqueles cujos ensejos são reduzidos quando apresentam a pele preta.

No período imediato pós-lei áurea os abolicionistas alertavam que uma liberdade sem reparações pelos séculos de escravismo com ausência de políticas públicas para inserir os ex-escravos na nova conjuntura social, produziria um segregacionismo com trágicas conseqüências para o futuro do Brasil. Com quatro séculos de atraso, analfabeto e sem renda alguma, perdendo os cargos de ofício para imigrantes, o negro inicia sua trajetória de vida com uma estranha autonomia. Homens livres convertidos em massa sociopolítica e socioeconômicamente excluída.

A ventura promissora de estar livre e poder trabalhar menos, transformou-se em pesadelo. Foi também por um decreto que mais de meio milhão de escravos se viram livres. A Lei Áurea foi a responsável pela desova de ex-escravos nas favelas, nos cortiços, nos hospícios e na mendicância suportável. **Abandonar os pobres ao seu destino e entregá-los à mendicância pública<sup>2</sup>**. Raríssimos conseguiram superar essas barreiras excludentes no início da alforria. O sistema imperial e depois republicano serviu somente para justificar as idéias burguesas. O ser humano seria capaz de vencer através de esforço próprio, pois todos *são iguais perante a lei*. Essa premissa de igualdade foi analisada por Eric Hobsbawm<sup>3</sup>. *A Declaração dos Direitos do homem e do cidadão de 1789 era um manifesto contra a sociedade hierárquica de privilégios nobres, mas não um manifesto a favor de uma sociedade democrática e igualitária*.

As garantias de privilégios estariam para Hobsbawm *na propriedade privada que era um direito natural, sagrado, inalienável e inviolável. Os homens eram iguais perante as leis*

<sup>1</sup> Estudante do 3º período de História na Universidade Federal de Uberlândia, pesquisador da cultura afro e autor de "Congadas de Minas Gerais" ( Fundação Cultural Palmares).

<sup>2</sup> Hegel, Georg W.F. Principios da Filosofia do Direito. p.199.

<sup>3</sup> HOBBSAWM, Eric. J. A Era das Revoluções: p..77.

e as profissões estavam igualmente abertas ao talento; mas se a corrida começasse sem **handicaps**, era igualmente entendido como fato consumado que os corredores não *terminariam juntos*. Essa possível igualdade poderia ser concretizada através de um pensamento aristotélico<sup>4</sup> reconhecendo a *necessidade de tratar com igualdade os iguais e com desigualdade os desiguais na medida de suas desigualdades*. Decretos à parte, esse caráter reivindicatório dos afrodescendentes tem sido construído há tempos. Abdias Nascimento - um dos ícones da luta contra o racismo no Brasil - juntamente com vários militantes negros da década de 1940, lutavam pela adoção de políticas afirmativas para combater as desigualdades raciais.

No início do século XXI, o debate a respeito de cotas para negros nas universidades se transforma em polêmica nacional. Vários educadores e a sociedade preocupada com a possível presença em maior número de afro-brasileiros nos espaços historicamente preenchidos pela elite branca/burguesa, defendem os métodos universalistas e doutrina do **mérito e competência**. Expressão eufemística que suscita dúvidas, pois poderia pressupor ser os reprovados nos vestibulares menos competentes que aqueles aprovados. Os adeptos do zerar processo histórico defendem medidas urgentes a partir do agora. Entre os atos estaria maior apoio ao ensino fundamental e médio. Assim, todas as pessoas pobres teriam garantias equivalentes no momento de competir por uma vaga no funil que se tornou os vestibulares públicos no país. Esquecem no entanto ser os negros e pardos 64% dos pobres.

As cotizações foram adotadas para os **dalits** na Índia; **siberianos** na Universidade de Moscou; **judeus** de origem etíope em Israel; **afroamericanos** nos EUA e no ano de 2003 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro para **negros e pardos** oriundos de escolas públicas. O Brasil possui 17% de universitários negros e pardos para uma população de 45%. Os EUA têm 11,2% de universitários negros correspondentes a 12% de afroamericanos<sup>5</sup>. Cotas representam uma forma de política afirmativa. Cota não é caridade, ela existiu para filhos de fazendeiros que iam estudar na Europa e continua privilegiando esses grupos caracterizados pela cor da pele (branca) e poderio socioeconômico.

A ideologia de expurgar a **mancha negra**, contribuiu para esse abandono sistemático dos afrodescendentes. Teóricos da democracia racial – Nina Rodrigues e Oliveira Viana<sup>6</sup> - prognosticavam um futuro brasileiro livre do sangue considerado o responsável pelo fator de inferioridade desenvolvimentista do Brasil. Um europeu branco de primeiro mundo, sem negros, sem índios, sem mestiços. *Esse movimento eugênico organizado e significativo idealizava o cruzamento branco/negro como meio para alcançar a pureza da raça e resolver a tragédia nacional. Os eugenistas acreditavam que a ampla miscigenação já existente levaria a um processo de branqueadura devido à superioridade genética dos brancos.*<sup>7</sup> Essa ilusória limpeza étnica pressupunha que em meados do século XXI os negros deixariam de existir no país. ALENCASTRO<sup>8</sup> finaliza um artigo ficcional de uma forma interessante : *Em 2023, o Brasil, cuja população é majoritariamente negra e mulata, volta a ter, como nos séculos 17 e 18, seu destino ligado a Angola e ao Atlântico Sul.*

Com todo esse viés preconceituoso estruturalmente, advindo de uma ideologia secular racista ainda forte no inconsciente coletivo , discutir cotas para negros, acirra os ânimos e produz

<sup>4</sup> SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. Contribuições ao Estatuto da Igualdade. 07/06/02.

<sup>5</sup> Jornal Correio. A-6. 03/05/02. Uberlândia

<sup>6</sup> SKIDMORE, Thomas E. Preto No Branco. Paz E Terra. 1976. pp. 81/221.

<sup>7</sup> ROLAND, Edna Maria Santos. Mercado de Trabalho. IPEA. P. 10.

<sup>8</sup> ALENCASTRO, Luis Felipe de. ÁFRICA. Mais! , p. 03 . Folha de São Paulo.

celeumas de teores simplistas. Esse debate faz com que as pessoas se demorem mais diante do espelho e percebam na cor da pele o cerne da discriminação racial, pois o preconceito se revela com maior evidência na matiz da cútis. Ele foi e continua sendo um entrave preocupante para pessoas negras, impedindo-as de ascender ao ápice da pirâmide social. Tais circunstâncias precisam ser revistas a partir do cotidiano escolar. Os educadores devem estar instrumentalizados para abordagens desses conteúdos em sala de aula. A presença da História da África e dos afro-brasileiros no ensino fundamental contribuirá eficazmente, pois uma das principais dificuldades de adaptação do negro na escola é por não se identificar com um método de ensino que desvaloriza a diversidade dos alunos, e pelo preconceito que existe, geralmente, perto e ao mesmo tempo distante do professor.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALENCASTRO, Luis Felipe de. **África**. Caderno Mais! , p. 03 . Folha de São Paulo 27/04/03.
- BRASILEIRO, Jeremias. **Negro Forro – Liberto Vigiado**. Uberlândia . Editora Zardo, 1995.
- **Diversas Faces do Preconceito Racial No Brasil**. Seminário. Rio Paranaíba, 1998.
- FONSECA, Maria Nazaré Soares. **Brasil Afro brasileiro**. Belo Horizonte . Autêntica, 2000.
- HOBBSAWM, Eric. J. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Princípios da Filosofia do Direito**. São Paulo: Ícone, 1997.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O Negro Revoltado**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1982.
- NEVES, Gilberto. **Negros, Cotas e o Saber**. Jornal Correio. Uberlândia, 03/05/02.
- Roland, Edna Maria Santos. Discriminação racial no mercado de trabalho e o quesito cor . Mercado de Trabalho. Edição Especial Conferência Nacional Contra o Racismo e a Intolerância. Rio de Janeiro. Ano 5, junho de 2000.
- SKIDMORE, Thomas E. Preto No Branco : raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Tradução de Raul.